

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO NA CIDADE DE ARARANGUÁ/SC

Caroline Américo de Souza

Victor Julierme Santos da Conceição

RESUMO

As aulas de Educação Física especificamente no Ensino Médio noturno, vem apresentando uma grande carência referente aos conteúdos, objetivos, avaliações e planejamentos dos professores perante as aulas, diante disso, o presente trabalho apresenta como tema: a prática pedagógica dos professores de Educação Física no ensino médio noturno, para conseguirmos compreender a prática pedagógica, temos como objetivo: descrever o processo de construção da prática pedagógica de professores de Educação Física que atuam no ensino médio noturno na cidade de Araranguá, SC. Para isso foi realizada uma pesquisa do tipo descritiva com bases nas abordagens qualitativas, sendo que para a obtenção dos dados foi realizado uma entrevista semiestruturada com 05 professores de 04 escolas públicas da rede estadual de ensino que lecionam no Ensino Médio noturno na cidade de Araranguá-SC, em que nos possibilitou perceber que a prática pedagógica dos professores encontram-se limitadas a conteúdos que não motivem a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Noturno; Prática Pedagógica

ABSTRACT

The physical education classes specifically on the evening high school, has shown a great lack regarding the content, objectives, assessments and planning of teachers before classes, before that, this paper presents the theme: teaching practice of physical education teachers in night high school, so we can understand the pedagogical practice, we aim to: describe the process of construction of the pedagogical practice of physical education teachers who work in night high school in the city of Araranguá, SC. For this a survey was conducted of descriptive with bases in qualitative approaches, and for the data collection was carried out one semi-structured interviews with 05 teachers of 04 public schools in the state schools who teach in the evening high school in the city of Araranguá- SC, which has enabled us to realize that the pedagogical practices of teachers are limited to content that does not motivate student participation in physical education classes.

Keywords: Physical Education; Night school; Teaching practices

INTRODUÇÃO

O Ensino Médio é a etapa final da educação básica e tem como finalidades segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Art. 35º parágrafo I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo,

de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Uma questão importante sempre debatida pelos profissionais da educação para as aulas no período noturno está relacionada aos discentes serem maioria já trabalhadores. Contudo, é preciso entender como os professores organizam sua prática pedagógica para estes estudantes.

Deste modo, trazemos alguns pontos referentes a prática pedagógica, sendo que para Libâneo (1994, p.16), a didática estuda todos os processos de ensino e um dos seus apontamentos é que “a educação – ou seja, a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades”. Para o mesmo autor vale ressaltar que o processo de ensino realiza a mediação escolar de objetivos, conteúdos e métodos das matérias de ensino. O trabalho docente é entendido como atividade pedagógica do professor, e o processo de ensino é, ao mesmo tempo, um processo de educação.

Para Haidt (1999, p.13) “ensinar e aprender são como as duas faces de uma mesma moeda. A didática não pode tratar do ensino, por parte dos professores, sem considerar simultaneamente a aprendizagem por parte do aluno”. Dentro do processo de ensino vale ressaltar sobre a importância das avaliações que:

A avaliação do aluno está diretamente ligada à avaliação do próprio trabalho docente. Ao avaliar o que o aluno conseguiu aprender, o professor está avaliando o que ele próprio conseguiu ensinar. Assim, a avaliação dos avanços e dificuldades dos alunos na aprendizagem fornece ao professor a sua prática pedagógica. (HAIDT, 1999).

No que diz respeito aos métodos de ensino Libâneo (1994) cita que os mesmos são direcionados pela relação objetivo-conteúdo, e referem-se aos meios para alcançar objetivos gerais e específicos do ensino, em resumo, é o “como” fazer do processo de ensino. A avaliação segundo o mesmo autor é um processo didático necessário, pois é através da avaliação que os resultados

que vão sendo adquiridos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos.

Sobre os conteúdos da Educação Física (SANTA CATARINA, 2005) eles não devem ser trabalhados a partir de uma teorização abstrata, é necessário buscar conteúdos que enriqueçam as aulas de uma maneira reflexiva e criativa. A proposta tem a intencionalidade de abordar os conteúdos de uma maneira reflexiva e de superação, em que o professor em busca destes conteúdos deva ser um pesquisador incansável.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino médio apontam que: “A Educação Física, como disciplina escolar, deve tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e também transformá-la (BRASIL, 2002, p.151)

Para a elaboração das aulas os professores precisam buscar aos seus estudantes, suas experiências nas aulas de Educação Física das quais tiveram anteriormente, pois: “as lembranças, positivas ou negativas, que os alunos trazem sobre as aulas de Educação Física devem servir como ponto de partida do programa no ensino médio” (BRASIL, 2002, p.153).

Para que as aulas de Educação Física consigam mostrar sua devida importância, os professores precisam ter uma prática pedagógica que atenda todos esses processos de ensino, desde o planejamento até a avaliação, sendo que esta não pode ser aplicada somente em prova e testes, mas sim, durante o dia a dia das aulas, nas relações dos alunos com o meio escolar, sendo feita de uma maneira contínua, pois através da mesma é que o professor poderá refletir sobre seus conteúdos, objetivos e métodos de ensino.

Nesse contexto, o presente trabalho traz como tema a prática pedagógica dos professores de Educação Física no ensino médio noturno na cidade de Araranguá-Sc.

Deste modo, é apresentado como **Objetivo geral**: descrever o processo de construção da prática pedagógica de professores de Educação Física que atuam no ensino médio noturno na cidade de Araranguá, SC.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa é do tipo descritiva, desenvolvida dentro da abordagem qualitativa, e embasada epistemologicamente na pedagogia crítica. A base analógica desse tipo de investigação se concentra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que nas pesquisas de corte qualitativo não há preocupações em generalizar os achados. (NEGRINE, 2004, p. 61).

Participaram como colaboradores da pesquisa 05 professores de Educação Física que atuam no Ensino Médio noturno em 04 escolas públicas da rede estadual de ensino na cidade de Araranguá, SC.

A escolha destas escolas aconteceu pelo fato de serem todas aquelas que possuem o Ensino Médio noturno, de caráter público, e os professores correspondem a todos aqueles que são regentes neste ciclo de escolarização na cidade de Araranguá, SC. Além disso, a escolha desses professores se deu pelo processo de representatividade tipológica. Para Molina Neto (2010, p. 121),

[...] uma vez que nenhum meio social é homogêneo e a representação adequada das pessoas envolvidas, em um caso particular, normalmente exigirá que se tome algumas amostras – a menos que o total da população investigada possa ser estudado adequadamente e com igual profundidade.

Com a intenção de preservar a identidade dos professores e das escolas, foram atribuídos nomes fictícios para identifica-los no processo analítico. No quadro abaixo são apresentados os dados de caracterização dos professores conforme as escolas que são regentes.

	Prof. Anderson	Prof. Bruno	Prof. Lucas	Prof. Felipe	Profª. Isabel
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino
Idade	33	43	35	35	33
Estado civil	Casado	Casado	Casado	Solteiro	Casada
Carga horária de atuação	40h	60h	40h	40h	40h
Tempo de atuação	12 anos	20 anos	6 anos	5 anos	7 anos
Escola que atua	EEB A	EEB N	EEB B	EEB A	EEB P
Caráter de contratação	Efetivo	Efetivo	Efetivo	Efetivo	Efetivo
Pós graduação	Especialista em fisiologia do exercício	Especialista em metodologia	Especialista em Educação	Especialista em Educação	Especialista em Educação

O instrumento utilizado para a coleta de informações da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada. Identificamos a importância da entrevista a partir de Negrine (2004, p. 74):

É “Semiestruturada” quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

O mesmo autor aponta que com a entrevista semiestruturada conseguimos obter informações importantes ao estudo, o que também gera uma maior flexibilidade para a mesma, pois proporciona para o entrevistado uma maior liberdade para chegar em aspectos que sejam relevantes em determinada temática.

As entrevistas foram transcritas e analisadas, buscando responder os objetivos da pesquisa. O processo analítico foi realizado a partir do levantamento de unidades de significado e construção de categorias analíticas (O que pensam os professores de EFI sobre o ensino médio noturno? Nem tudo são flores; Processo organizacional das aulas de educação física no ensino médio). As falas dos professores serviram para compreender o fazer docente no ensino médio e foram articuladas com a literatura que serviu de base teórica no estudo.

O QUE PENSAM OS PROFESSORES DE EFI SOBRE O ENSINO MÉDIO NOTURNO? NEM TUDO SÃO FLORES.

Nesta categoria, buscamos entender quais as características e representações que os professores de educação física atribuem ao Ensino Médio noturno. Para dar materialidade ao processo analítico resgatamos algumas perspectivas teóricas que embasam o pensar a educação física na escola. Bracht (1999) aponta que historicamente a educação física passa pelas “mãos” de diferentes correntes epistemológicas, que atribuem a diferentes perspectivas e concepções pedagógicas para esta disciplina no campo escolar.

Podemos perceber durante as entrevistas alguns apontamentos, sendo assim, foi possível notar que a maioria dos professores tem mais facilidade em trabalhar no período noturno. As justificativas estão centradas em questões burocráticas (número de alunos) e pedagógicas (a idade dos estudantes facilita o debate de diferentes temas).

[...] aqui na nossa escola, a noite está mais tranquilo de trabalhar por causa do número de alunos [...] alguns momentos parece que a noite é mais fácil de trabalhar. [...]. Professor Anderson

É até mais tranquilo que durante o dia, porém, pela prática é bem pouco, por eles serem mais adultos, sabem mais o que querem, então é mais fácil trabalhar com eles. [...]. Professor Lucas

Eu acho até mais fácil, mais tranquilo, porque são menos alunos, tu tem um espaço maior [...]. Professora Isabel

Para o professor Bruno a questão da participação dos estudantes nas aulas de Educação Física não é tão forte quanto a dos outros professores, pois consegue a participação quase maciça. Contudo, este fator tem relação com o bom espaço físico que a escola possui.

[...] a escola no bairro onde eu trabalho não encontro rejeição da participação da educação física, eu consigo a participação efetiva de quase 90% dos alunos que fazem Educação Física no período noturno, até devido as condições físicas que a escola possui; possui ginásio, material é pouco, mas a gente adquire material meu particular, assim a gente consegue uma boa participação e alcanço os objetivos definidos em planejamento. Professor Bruno

Já para o professor Felipe a participação dos estudantes é o ponto que mais dificulta na sua prática pedagógica, percebemos isso em suas falas em que ele nos reporta que os mesmos são faltantes.

Participação é complicado, ainda mais no ensino noturno, e minhas aulas são as duas últimas de sexta, então eles são muito faltantes. Tem 17 alunos na minha turma, mas geralmente vem 7 ou 10. Professor Felipe

Para Barbi e Schneider (2003) o motivo da baixa participação dos estudantes pode ser ocorrente do fato de que:

[...]os adolescentes se encontram descontentes com os conteúdos ou com a forma de atuação dos professores. As experiências acumuladas nos anos do Ensino Fundamental, onde por vezes a

Educação Física mostrou-se ser elitista, voltada para o mais forte, o mais rápido, o mais habilidoso, onde o resultado e a marca eram supervalorizados.(BARNI E SCHNEIDER, 2003,p.5).

Apesar dos professores argumentarem que tem mais facilidade em lecionar no período noturno, destacam como principal dificuldade na prática pedagógica, a característica dos estudantes deste período. Como a maioria são trabalhadores e possuem mais idade em relação a faixa etária específica para este ciclo de escolarização, os interesses são outros e a importância atribuída a disciplina a deixa em segundo plano em relação as demais que compõe a grade curricular no ensino médio. O professor Anderson destaca que além desses fatores, os estudantes/trabalhadores estão cansados da rotina de trabalho, identidade que interfere na motivação para participação da aula.

[...]fora as dificuldades normais do dia-a-dia, as maiores dificuldades são os alunos que trabalham, ou o aluno que já é mais velho, e a noite já estamos mais cansados[...]. Professor Anderson

[...] entendo que a noite tenha uma diferença de aluno, pois os alunos são trabalhadores, então tem uma realidade diferente a noite. Mas o planejamento ele segue sendo o mesmo, eu vou ter diferença na hora de aplicar a aula. [...]. Professor Anderson

A professora Isabel nos aponta que procura facilitar nos trabalhos teóricos para os estudantes do ensino médio noturno, podemos perceber isso claramente em sua fala:

[...] procuro fazer o trabalhinho deles durante o período de aula, procuro facilitar na avaliação teórica, não faço igual ao diurno, porque a gente sabe que eles não tem tanto tempo disponível né, pelo fato deles serem trabalhadores. [...]. Professora Isabel

Dentro da ideia de facilitar as aulas para o período Noturno Barbi e Schneider (2003) trazem em sua pesquisa um questionamento referente a ideia dos alunos serem trabalhadores.

Será que aos alunos que trabalham, sejam aqueles que realizam atividades que requeiram mais esforço físico ou aqueles que dispensam pouca energia nas suas tarefas diárias, não tem direito a Educação Física eficiente, de modo que todos tenham condições de realiza-la e dela tirar proveitos tantos nos aspectos físicos, mental, social e emocional? (BARNI E SCHNEIDER, 2003,p.5).

Contudo, antes de pensarmos na prática pedagógica para o Ensino Médio, precisamos entender para quem estamos lecionando, quais as características dos estudantes desse período. Neste contexto Barni e Schneider (2003, p.8) citam que:

As aulas de Educação Física no Ensino Médio são frequentadas na sua quase totalidade por alunos que se encontram na fase do desenvolvimento humano denominada adolescência. Nesta Fase da vida o aluno sofre grandes transformações de ordem física, cognitiva e psicossociais. [...]

Para Carrano, Dayrell e Maia (2014) precisamos acreditar nos jovens sendo estes estudantes, ter um olhar positivo sobre os mesmos, pois assim a relação professor-aluno se dará de uma maneira mais promissora, deste modo, passarão a ter mais interesse pelas aulas e contribuintes para o ato pedagógico.

Conseguimos perceber através das entrevistas alguns dados que são comuns entre os professores, sobre o trabalho neste período, porém, encontramos também algumas diferenças, tendo como exemplo os professores Bruno e Felipe, em que para um a participação dos estudantes é quase que efetiva, e para outro a maior dificuldade é essa participação. Diante desse fato é que precisamos ter um olhar de como estão sendo ministradas as aulas, por que a participação dos estudantes muda tanto de uma escola para outra? Será que os conteúdos estão sendo atrativos para os mesmos? Buscando entender essas diferenças é que construímos o próximo tópico, em que nos fará compreender melhor, quais os métodos de ensino, conteúdos trabalhados pelos professores, assim, compreendendo melhor as características de cada aula.

PROCESSO ORGANIZACIONAL DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO

Para entendermos o processo organizacional dos professores de Educação Física, precisamos reconhecer quais conteúdos abordados por eles. Especificar se os professores de Educação Física realizam algum tipo de avaliação nas aulas do Ensino Médio noturno e também verificar qual método de ensino utilizado pelos professores.

Referente aos conteúdos da Educação Física para o Ensino Médio foi notório que os professores tratam, na maioria das vezes, em suas aulas conteúdos relacionados à educação física e saúde e alguns esportes, principalmente os hegemônicos.

Bastante atividade física e saúde, bastante mesmo saúde e nos esportes mesmo, daí a prática é só esporte. Professor Lucas

[...] nas minhas aulas eu tento fazer no início do ano, uma questão de conceitos sobre qualidade e estilo de vida, a importância da educação física tanto na escola, quanto fora da escola[...]. Professor Rafael

Os professores também justificam a presença dos conteúdos esportivos pelo fato do pouco conhecimento sobre as suas regras.

[...] eu procuro trabalhar bastante a regra básica dos esportes, porque as vezes eles jogam, mas não sabem a regra, procuro trabalhar dentro da saúde para eles no ensino médio[...]. Professora Isabel.

[...] Os conteúdos que eu trabalho não foge muito daquele quadrado mágico, handebol, basquete, futsal e vôlei, são esses aí e também um pouco de alongamento e qualidade de vida. Professor Felipe.

[...] a gente trabalha com atletismo, futsal, tênis de mesa, xadrez com algumas turmas, vôlei e espirobol, um esporte que não é desporto ainda, mas é uma atividade que os adolescentes gostam bastante. [...]. Professor Bruno.

Neste contexto, conseguimos analisar que os conteúdos não estão contribuindo para a motivação dos estudantes para o desenvolvimento das aulas. Assim, é abordado por Chicati (2000, p.8) que,

[...] a motivação não se demonstra na mesma intensidade em todas as pessoas, pois temos interesses diferenciados. Sendo assim, o professor deve estar consciente da busca por conteúdos diversificados e motivantes, para que se consiga atender aos interesses contidos nas turmas.

Estendemos que é preciso a percepção dos professores nos interesses dos estudantes para a busca de conteúdos para as aulas, pois sem a mesma, acaba por dificultar seu trabalho pedagógico, sendo que sem a motivação necessária não há participação.

Referente aos elementos didáticos utilizados, os professores tratam em suas aulas vivências práticas como principal ponto, utilizando pouco a questão

teórica. Nas falas dos professores Lucas e Isabel é que notamos que o trabalho teórico é maior:

Tudo trabalho teórico e prático. Professor Lucas.

Faço teoria e pratica, com uma avaliação teórica, ou às vezes cobro um trabalhinho deles e faço aulas práticas também. Professora Isabel.

Os professores Anderson, Bruno e Felipe, utilizam como procedimento de ensino, aulas práticas, porém, eles explicaram que conversam com os alunos referente ao conteúdo que está sendo aplicado, mas, não passam a teoria em sala de aula.

[...] então eu trabalho mais ou menos fazendo com que eles entendam o que eles estão fazendo isso se enquadrada na questão teórica e faça isso na prática, que eles tenham essa vivência corporal. [...]. Professor Anderson.

A gente passa a teoria não propriamente dita no quadro, mas a gente senta, conversa sobre os conteúdos que vai ter, e a maioria é na prática mesmo e sempre no início das aulas a gente tem uma conversação, ou no final da aula sobre o que aconteceu durante a aula. Professor Bruno.

Eu faço mais aulas práticas, a parte teórica é mais conversar com eles, vou lá e explico, mas não sou de passar no quadro e cobrar prova. Professor Felipe.

Assim como os conteúdos, os elementos didáticos também são importantes para a participação dos estudantes. Para Pereira e Moreira (2005, p.123) “o fato de os alunos deixarem a aula durante sua execução pode vir ao encontro de sua falta de motivação e interesse diante dos conteúdos e estratégias inadequados [...]”.

Contudo, os professores precisam repensar a elaboração do planejamento, é interessante que os mesmos busquem a participação dos estudantes, para que assim haja uma maior participação nas aulas. Bossle (2002, p. 36) afirma que o planejamento está muitas vezes centrado no professor.

Fica aqui caracterizado um movimento do professor no ato de planejar que considero importante destacar, que é a centralização da decisão do o quê fazer, podendo estar vinculado aos interesses únicos do professor, desconsiderando desta forma, a participação preciosa dos alunos nas decisões.

Verificamos diante das entrevistas que existe uma carência diante deste fato, nota-se isso nas falas abaixo.

Não, eu não fiz planejamento [...] É um pouco mais liberada a aula a noite, até porque é facultativa. Professor Felipe.

[...] claro que eles não participam do planejamento total né! A gente faz o planejamento, apresenta para eles e eles sinalizam com alguns pontos do planejamento e a gente consegue elaborar um planejamento em conjunto. Professor Bruno.

Não, porque geralmente os alunos da noite, eles gostam de uma aula descontraída, livre [...]. Professora Isabel.

Dos sujeitos entrevistados, foi possível perceber que os professores Lucas e Anderson buscam pela participação dos estudantes.

[...] eu tento fazer tipo um conselho de classe com eles sempre quando acaba o bimestre, é tipo uma auto avaliação, mas é uma auto avaliação da aula também e tento tirar algumas informações para estar colocando no próximo ano. Professor Anderson

Sim, no início do ano eu pergunto qual a opinião deles e o que vamos fazer em cada bimestre, eu dou para eles quais as disciplinas, quais as opções, e eles optam se querem do primeiro bimestre, segundo, terceiro [...] isso é feito no início do ano. Professor Lucas

Estas informações nos direcionam a entender como é realizado o planejamento dos professores, já que durante os questionamentos nos foi relatado que os mesmos não buscam a participação dos estudantes, deste modo, conseguimos ter como análise, que os professores buscam organizar o mesmo coletivamente, ou seja, com os outros professores de Educação Física, este processo se dá no início do ano letivo, em que eles se reúnem por aérea e realizam a organização do planejamento.

Bossle (2002) nos traz algumas considerações sobre a realização do planejamento coletivo, em que

[...] o coletivo precisa da referência do projeto para construir a participação de todos, e acima de tudo, vivenciar a participação nas decisões que estabelecem os pressupostos dessa educação que a escola ou a instituição quer. A partir dessa etapa, o coletivo constrói o seu planejamento de ensino, quer seja plano de curso, de unidade ou plano de aula, este último individual, e coerente com o projeto político-pedagógico e contexto escolar. (BOSSLE, 2002, p. 36).

Conseguimos notar que existe o planejamento coletivo dos professores a partir de suas falas.

A gente faz no início do ano o planejamento geral e depois vai adequando aula por aula. [...]. No início do ano todos os professores de educação física, toda a escola na verdade. Professor Anderson

[...]. Nós fizemos o planejamento com todos os professores da escola e individual por área, na educação física com todos os professores da educação física da escola. [...]. É realizado o planejamento para as aulas, de acordo com o PPP da escola e a proposta curricular de Santa Catarina. [...]. Professor Bruno

O planejamento anual são todos os professores de Educação Física, e depois o específico para cada aula, o que tu quer trabalhar naquele determinado conteúdo, cada um faz o seu. Professora Isabel

O professor Lucas está buscando elaborar o planejamento coletivo, pois só agora que entrou uma outra professora de caráter efetivo na escola para que eles pudessem realizar de forma coletiva

[...]para minhas aulas no início do ano eu realizo todo um planejamento. [...]Sempre sozinho, mas esse ano tem uma professora nova na escola e estamos pensando em fazer juntos. Professor Lucas

E como já foi mencionado anteriormente apenas o professor Felipe não realiza planejamento para suas aulas, ele argumenta que é pelo fato dos estudantes no período noturno serem faltantes.

Entrando na questão da avaliação, os critérios avaliativos dos professores dão-se na maioria das vezes pela participação, em que Freitas (2013) inclui como método informal, tendo como diferença que a avaliação formal é aquela com técnicas palpáveis, tendo como exemplo provas e trabalhos e a avaliação informal onde entra a questão de valores e as relações, aluno/professor, aluno/aluno e professor/aluno.

[...]. No ensino médio noturno eu faço participativo, cooperativo, porque é importante ter a cooperação dos alunos para fazer a prática. Professor Bruno

[...] Então eu avalio muito a participação do aluno, comportamento, respeito e se ele está praticando a atividade. Professor Felipe

A professora Isabel além da participação dos alunos, ela avalia também com provas e trabalhos.

Eu faço a teórica com trabalho, e na aula pratica a participação, porque na prática eu acho que o aluno que participa já é um mérito, e tem que ter a avaliação para poder ver o desenvolvimento deles, para eles não dizerem que a professora deu a nota, mas que foi um mérito deles, por isso faço as atividades teóricas também. Professora Isabel

Já o professor Lucas não utiliza a participação como método de ensino, por se tratar do ensino médio noturno, procura avaliar somente através de trabalhos.

Através de trabalhos, como na pratica eu não posso avaliar muito, por ser noturno, a participação não é o peso principal. [...] Dependendo da turma até aplico provas. Professor Lucas

Freitas relata também que os professores de Educação Física têm que ter consciência de aplicar os dois métodos (formal e informal),

[...] o que conta não é a existência, de um instrumento de um objetivo de avaliação, mas as relações que se estabelecem entre o professor e o aluno durante o próprio processo de aprendizagem. A avaliação formal registra o *resultado desse processo*. (FREITAS, 2013, p.30)

Para o Professor Anderson, ele utiliza a avaliação para também poder avaliar sua aula e perceber as possíveis mudanças para aulas posteriores.

[...] comecei a perceber que eu não posso avaliar minha aula mais do que eu dou para os alunos, por exemplo, se eu trabalho uma coisa, eu não posso estar indo além daquilo que é, tipo vou lá e cobro do aluno, se eu não dei uma aula boa, como é que eu vou tirar nota desse aluno? Professor Anderson

Diante deste critério Barbosa (2010, p.125) apresenta um argumento de que “[...] o sucesso do aluno é o sucesso do professor, assim como o fracasso do aluno é o fracasso do professor”.

Conseguimos entender então, que a avaliação é um método que serve também para os professores e não somente uma forma de avaliar o aluno. O que compreendemos é que no Ensino Médio noturno existe um descaso com avaliação, sendo que a mesma acaba não sendo tão importante para todos os professores entrevistados, sendo que a maioria deles utilizam como critério somente a participação, deixando de avaliar todo o processo do estudante na escola.

CONCLUSÃO

A partir dos dados coletados conseguimos perceber que a prática pedagógica dos professores de Educação Física para o ensino médio noturno se encontra limitada, em que os conteúdos ministrados nas aulas acabam não motivando os estudantes. Sem essa motivação não há também a participação, sendo que a mesma é importante para a execução das aulas. A partir disso, os professores conseguem descobrir os interesses da turma para elaborar o seu planejamento. É preciso entender também que Educação Física não é sinônimo de esporte, e que existem vários outros conteúdos da cultura corporal que podem ser trabalhados no Ensino Médio, sendo ele noturno ou não. Com isso se faz necessário uma busca dos professores referente a esses conteúdos, e que não se tenha mais a ideia de facilidade para os discentes do período noturno, pois é direito dos estudantes adquirir o conhecimento nas aulas.

Referente a avaliação foi possível notar que a mesma não parece como prioridade para os professores, talvez isto ocorra pelo fato dos professores pensarem que a Educação Física não é reconhecida como disciplina obrigatória, no entanto os mesmos não sentem a necessidade de avaliar os estudantes. Porém, precisa ficar claro para esses professores que a avaliação é importante para todo o processo da aula, não tendo como objetivo avaliar somente o aluno, mas também o trabalho docente.

Os elementos didáticos exercidos pelos docentes estão centrados em aulas práticas, em que a teoria por sua vez acaba sendo pouco abordada, deste modo, é importante que os professores busquem trabalhar coletivamente, tanto com outros professores, quanto com a participação dos estudantes, para que consigam analisar e refletir sua prática pedagógica, fazendo com que a mesma contemple a aprendizagem de todos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. A. **Educação Física e Didática**: um diálogo possível e necessário. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

BARNI, M. J.; SCHNEIDER, E. J. A educação física no ensino médio: relevante ou irrelevante? Instituto Catarinense de Pós – Graduação. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano 19, nº 48, Agosto/1999, p. 69-88

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n 9.394/96, de 20/12/1996

_____, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN+ Ensino Médio: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

CARRANO, P; DAYRELL, J; MAIA, C.L. **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte. UFMG, 2014. Disponível em: http://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf.

Acesso em: 12 out. 2015.

CHICATI, K. C. Motivação nas aulas de Educação Física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v.11, n.1, 2000, p.97-105.

FREITAS, L. C. **Avaliação educacional: Caminhando pela contramão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

Haidt, R. C. **Curso de didática geral**. 7 ed. São Paulo. ÁTICA, 1999

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo. Cortez, 1994

NEGRINE, A. Instrumentos da coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 3º ed. Porto Alegre: Sulina, p 61 – 93, 2010.

PEREIRA, R.S; MOREIRA, E.C. **A participação dos alunos do ensino médio em aulas de Educação Física: Algumas considerações**. **Rev. Da Educação Física/UEM**, Maringá, v.16, n.2, p. 121-127,2, sem.2005

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto.
**Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino
Fundamental e Médio:** Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

ANEXO: NORMAS DA REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Informações para os autores

Normas para submissão de artigos

Os artigos submetidos à Revista "Formação Docente" serão apreciados pelo Conselho Executivo quanto à pertinência dos mesmos à Linha Editorial do periódico, sua adequação aos requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e às demais instruções editoriais.

Os textos devem guardar originalidade do tema ou do tratamento a ele concedido na língua materna. Os artigos recebidos em outro idioma serão submetidos à tradução e publicados com a autorização do autor. Os autores assumem o compromisso de não submeter simultaneamente o texto a outras revistas da área e cedem à "Formação Docente" o direito de indexação (nacional e internacional). A Revista, ao seu juízo, pode reeditar artigos internacionais de grande relevância teórica ou metodológica para a área, que tenham sido publicados em outros veículos de divulgação acadêmica, com a devida autorização de quem detém os direitos autorais.

O Conselho Executivo poderá sugerir aos autores modificações de ordem técnica nos textos submetidos e aceitos, a fim de adequá-los à publicação.

É de inteira responsabilidade do(s) autor(es) os conceitos, opiniões e idéias veiculados nos textos.

Todos os textos aceitos para publicação serão submetidos à avaliação de pares acadêmicos e lidos por, no mínimo, dois pareceristas – ambos do Conselho Consultivo ou um membro do Conselho Consultivo e um ad hoc. A Revista garante o sigilo e anonimato de autores e pareceristas.

ASPECTOS FORMAIS DO TEXTO

Os artigos devem conter de 40 a 70 mil caracteres (com espaços) digitados no **Word** ou programa compatível de editoração, fonte Times New Roman, tamanho 12 e espaçamento duplo. O texto deve ser alinhado à esquerda e as margens não devem ser inferiores a 3 cm. As palavras estrangeiras devem ser grafadas em itálico, neologismo e/termos incomuns deve ser grafado entre 'aspas' simples.

Os artigos devem ser enviados em dois arquivos com o mesmo nome, diferenciados pelos numerais 1 e 2. Devem ser nomeados pelo sobrenome do primeiro autor. O primeiro arquivo deve constar a identificação do(s) autor(es): nome(s), instituição(ões) de origem e endereços, físicos e eletrônicos; e resumo expandido de até mil caracteres (aproximadamente, uma página) e respectiva tradução em língua inglesa (abstract). Ambos acompanhados de, no mínimo, três palavras-chave (e as respectivas keywords). No segundo arquivo, constará o texto na íntegra a ser publicado.

As normas de referências bibliográficas seguidas pela Revista são as da ABNT e devem se restringir ao material citado no corpo do texto. As citações de fontes, diretas ou indiretas, devem ser inseridas no corpo do texto (AUTOR, data, página). As notas, quando necessárias, devem seguir no final do texto com numeração seqüencial em algarismos arábicos e antes das referências bibliográficas. As referências de material e fontes eletrônico/digitais devem citar o endereço (Web Site ou Home Page) seguida da data de acesso (Acesso em: 25 Fev. 2009).

Todos os textos deverão ser enviados para o endereço eletrônico da Revista “Formação Docente” (formacaodocente@autenticaeditora.com.br). Após o envio do artigo, o autor receberá a confirmação do recebimento da sua mensagem contendo os arquivos, em anexo, com o texto e da adequação (ou não) do mesmo às normas técnicas. Após, aproximadamente, 40 dias, o autor receberá uma nova mensagem informando sobre o resultado da avaliação acadêmica do artigo.

